

Arte e Revolta na filosofia de Albert Camus

Michelle Ferreira de Lima

*Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Filosofia.michelle@yahoo.com.br*

A pesquisa versa sobre três conceitos principais: o absurdo, a revolta e a obra de arte, destes, a obra de arte será o conceito mais explorado, principalmente porque o objetivo central da pesquisa refere-se a ele. No primeiro momento, a investigação será desenvolvida ao redor do conceito de absurdo e a obra *O Mito de Sísifo* (1942), será a base principal para esse estudo. No segundo momento, o objetivo é estudar a ideia de revolta, para isso será utilizada a obra *O Homem Revoltado* (1951), dedicando maior atenção a revolta artística. Passando ao terceiro momento, o objetivo é estudar a estética da revolta, abordando aspectos como a criação absurda, arte e revolução, o papel do artista, a visão de Camus sobre a arte, e a criação da arte como expressão da revolta, e nesse aspecto as obras principais serão *Discours de Suède* (1957) e *Primeiros Cadernos* (1935), no qual o autor registrava diariamente suas ideias.

Palavras-chave: absurdo, revolta, obra de arte.

Introdução

Na obra *O Mito de Sísifo* (1942), Camus desenvolve a noção de absurdo, que corresponde ao momento no qual o indivíduo percebe a falta de sentido que perpassa a vida humana e após esse despertar surgem duas consequências, o suicídio ou a revolta. Mas, o suicídio seja ele físico ou filosófico é considerado como uma fuga e a revolta, a posição filosófica coerente, pois, ela representa o enfrentamento do humano com sua própria obscuridade. É preciso então reformular a existência a partir da revolta considerando o próprio absurdo, tendo plena consciência do sem sentido e ainda assim viver, mantendo a fidelidade ao humano terreno que corresponde a nossa condição.

Nesse cenário seria possível pensar em uma *Estética da Revolta*, buscando entender a obra de arte como expressão da revolta em resposta ao absurdo. O humano criador refaz o mundo, conferindo a revolta o traço que lhe faltava, ou seja, a criação. Diante da fatalidade da morte, reconhecendo a profundidade da dor humana, a criação reflete a liberdade, em um mundo absurdo onde o único dono é o sujeito, seu pensamento não renuncia mais a si mesmo, mas renova-se em imagens.¹

Qualquer que seja a perspectiva escolhida por um artista, um princípio continua comum a todos os criadores: a estilização, que supõe ao mesmo tempo o real e a mente que dá ao real sua forma. Através dela o esforço criador refaz o mundo, e sempre com uma ligeira distorção que é a marca da arte e do protesto. (...) A realidade é de algum modo forçada. A criação e a

¹ (cf. Camus, Albert. *O Mito de Sísifo*, Rio de Janeiro, 2019, p. 133-134).

fecundidade da revolta estão nessa distorção que representa o estilo e o tom de uma obra. A arte é uma exigência de impossível à qual se deu forma. Quando o grito mais dilacerante encontra a sua linguagem mais firme, a revolta satisfaz a sua verdadeira exigência, tirando dessa fidelidade a si mesma uma força de criação. Ainda que isso entre em conflito com os preconceitos da época, o maior estilo em arte é a expressão da mais alta revolta. Como o verdadeiro classicismo não é mais que um romantismo domado, o gênio é uma revolta que criou sua própria medida. Por isso, não há gênio, contrariamente ao que se ensina hoje, na negação e no puro desespero.²

Mas esse ato de criação não é uma “cura” para o absurdo, nem uma fuga, antes, trata-se de ter consciência do absurdo, não para “explicar e resolver”, mas para “sentir e descrever”. Nesse sentido, Camus afirma que a descrição não seria o aspecto mais importante, pois também a ciência estando no fim dos seus paradoxos atinge um momento de pausa para então apenas contemplar a paisagem intocada dos fenômenos. Então, a explicação é inútil, mas a sensação perdura, e nesse contexto podemos entender o espaço que ocupa a obra de arte.³

Nesse contexto, é possível perceber a grande importância em retomar a leitura das obras camusianas que trazem a oportunidade de reflexão acerca da vida, do humano, do absurdo, da arte, além de pensar como a arte se apresenta na filosofia, deste modo, esses conceitos podem contribuir muito para o debate das grandes questões humanas dentro da filosofia, além de proporcionar o diálogo entre conceitos filosóficos e manifestações artísticas.

A obra absurda

Pensar o humano enquanto sujeito criador da arte tendo como cenário a existência absurda, nua, efêmera, finita, e ainda assim criar, Camus afirma, *criar é dar cores ao vazio*, a obra é a oportunidade de manter a consciência da revolta diante do absurdo, e firmar suas aventuras. *Criar é viver duas vezes*, é repetir e recriar a sua própria realidade.

Na análise das obras de Albert Camus o caráter absurdo⁴ e desesperador emergem da experiência humana, os temas centrais versam sobre o questionamento acerca da vida, do humano, da existência, da morte, do absurdo, da revolta, da liberdade, da criação... enfim, sua obra está permeada por uma sensibilidade a respeito dessas questões humanas.

² Camus, Albert. *O Homem Revoltado*, Rio de Janeiro, 2018, p. 351-352.

³ (cf. Camus, Albert. *O Mito de Sísifo*, Rio de Janeiro, 2019, p. 113).

⁴ O absurdo não está no homem, nem no mundo, mas na sua presença comum. Até o momento este é o único laço que os une”. (CAMUS, 2019, p. 45). Então, “o absurdo nasce desse confronto entre o apelo humano e o silêncio irracional do mundo (...) o irracional, a nostalgia humana e o absurdo que surge de seu encontro, eis os três personagens do drama que deve necessariamente acabar com toda a lógica de que uma existência é capaz”.

Na obra *O Mito de Sísifo* (1942), ele desenvolve a noção de absurdo, que corresponde ao momento no qual o indivíduo percebe a falta de sentido que perpassa a vida humana e após esse despertar surgem duas consequências, o suicídio ou a revolta.

Cenários desabarem é coisa que acontece. Acordar, bonde, quatro horas no escritório ou na fábrica, almoço, bonde, quatro horas de trabalho, jantar, sono, e segunda terça quarta quinta sexta e sábado no mesmo ritmo, um percurso que transcorre sem problemas a maior parte do tempo. Um belo dia, surge o “porquê” e tudo começa a entrar numa lassidão tingida de assombro. “Começa”, isto é o importante. A lassidão está ao final dos atos de uma vida maquinal, mas inaugura ao mesmo tempo um movimento da consciência. Ela o desperta e provoca sua continuação. A continuação é um retorno inconsciente aos grilhões, ou é o despertar definitivo. Depois do despertar vem, com o tempo, a consequência: suicídio ou restabelecimento.⁵

O suicídio, seja ele físico ou filosófico é considerado como uma fuga, ele cita Kierkegaard como um dos autores que descobriu o absurdo, mas sucumbiu ao suicídio filosófico, pois, o método que inspira Kierkegaard não mantém o equilíbrio entre o irracional do mundo e a nostalgia rebelde do absurdo.

Se substituir seu grito de rebeldia por uma adesão furiosa, ele será levado a ignorar o absurdo que o iluminava até então e a divinizar a única certeza que daí por diante terá, o irracional. O importante, dizia o abade Galiani a Mme. d’Epinay, não é se curar, mas conviver com os próprios males. Kierkegaard quer se curar. Curar-se é seu desejo furioso, que percorre seu diário de ponta a ponta. Todo o esforço da sua inteligência é escapar à antinomia da condição humana. Esforço ainda mais desesperado quando ele percebe, em lampejos, a vaidade. Por exemplo, quando fala de si, como se nem o temor a Deus nem a piedade fossem capazes de lhe trazer a paz. É assim que, por um subterfúgio torturado, ele dá ao irracional o rosto do absurdo e a Deus, seus atributos: injusto, inconsequente e incompreensível. Só a inteligência tenta sufocar nele a reivindicação profunda do coração humano.⁶

E então, Camus atribui como suicídio filosófico a atitude existencial no qual um pensamento nega a si mesmo tendendo a se superar no que se refere à sua negação. Essa negação é o Deus, sustentado pela negação da razão humana. Então, se o suicídio representa a passividade da aceitação do caos em seu limite máximo, é a revolta que traz valor a vida, visto que traz consigo consciência e enfrentamento em vez de fuga.

Consciência e revolta, estas recusas são o contrário da renúncia. Pelo contrário, tudo o que há de irreduzível e apaixonado num coração humano, lhes insufla ânimo e vida. Trata-se de morrer irreconciliado, não de bom grado. O suicídio é um desconhecimento. O homem absurdo não pode fazer outra coisa senão esgotar tudo e se esgotar. O absurdo é sua tensão mais extrema, aquela que ele mantém constantemente com um esforço solitário, pois sabe que com essa consciência e com essa revolta dá testemunho

⁵ Camus, Albert. *O Mito de Sísifo*, Rio de Janeiro, 2019, p. 27-28.

⁶ Camus, Albert. *O Mito de Sísifo*, Rio de Janeiro, 2019, p. 52-53.

cotidianamente de sua única verdade, que é o desafio. Isto é uma primeira consequência.⁷

De acordo com Camus a única posição filosófica coerente é a revolta, pois, ela representa o confronto e o enfrentamento permanente do homem com sua própria obscuridade. Ela é a consequência da visão absurda.

A fidelidade ao absurdo é aqui uma fidelidade ao homem. O que obtemos com o salto, aquela certeza de ordem religiosa, ultrapassa a dimensão humana. O homem absurdo quer viver lucidamente. E a lucidez mostra uma realidade que nos rejeita. Rejeitados, talvez nossa tarefa seja rejeitar. O homem absurdo viverá sem apelo, sem esperança. Outra vez não anulará o problema. A tentação seria a negação da consciência: o suicídio. Porém, um absurdo que nasceu da consciência tem que viver como verdade, logo viver na consciência.⁸

Então, a resposta absurda sobre a questão se é possível viver sem apelo, diria que é possível sim viver e o viver é convertido em revolta. Deste modo, a revolta é a manutenção de dois elementos em questão, visto que considera o real e mantém a consciência. A tomada de consciência nasce então do movimento de revolta que se opõe ao que antes era aceito, Camus usa como exemplo a figura do escravo que ao rejeitar a ordem humilhante do seu superior rejeita nesse instante também a própria condição de escravo.

O pensamento revoltado não pode, portanto, privar-se da memória: ele é uma tensão perpétua. Ao segui-lo em suas obras e nos seus atos, teremos que dizer, a cada vez, se ele continua fiel à sua nobreza primeira ou se, por cansaço e loucura, esquece-a, pelo contrário, em uma embriaguez de tirania ou de servidão. Enquanto isso, eis o primeiro progresso que o espírito de revolta provoca numa reflexão inicialmente permeada pelo absurdo e pela aparente esterilidade do mundo. Na experiência do absurdo, o sofrimento é individual. A partir do movimento de revolta, ele ganha a consciência de ser coletivo, é aventura de todos.⁹

Sobre a ideia de revolta, Camus trata na obra *O Homem Revoltado* (1951) três tipos de revolta, a metafísica, a histórica e a revolta artística, a última será analisada no decorrer da pesquisa justamente para pensar a questão sobre a arte como expressão da revolta. “Ela (a arte) é o único produto ordenado que a nossa raça desordenada foi capaz de engendrar. É o grito de mil sentinelas, o eco de mil labirintos, é o farol que não se pode encobrir, é o melhor testemunho que podemos dar acerca da nossa dignidade”.¹⁰

No início do capítulo intitulado A criação absurda na obra *O Mito de Sísifo* (1942), Camus escreve: “Não se pode negar a guerra. Nela é preciso morrer ou viver. É como o absurdo: trata-se de

⁷ Camus, Albert. *O Mito de Sísifo*, Rio de Janeiro, 2019, p. 69.

⁸ Guimarães, Carlos Eduardo. *As dimensões do homem: mundo, absurdo e revolta*, Rio de Janeiro, 1971, p. 59.

⁹ Camus, Albert. *O Homem Revoltado*, Rio de Janeiro, 2018, p. 38.

¹⁰ Camus, Albert. *Cadernos V* (setembro de 1945 – abril de 1948). Lisboa, 1973, p. 307.

respirar com ele, reconhecer as suas lições e encontrar sua carne. Nesse sentido, o deleite do absurdo por excelência é a criação.”¹¹ E, mais adiante, na mesma obra, ele acrescenta:

“A arte, e nada mais do que a arte”, diz Nietzsche, “temos a arte para não morrer ante a verdade”. Na experiência que tento descrever e fazer sentir de várias maneiras, é certo que um tormento surge onde outro morre. A busca pueril do esquecimento, o chamado da satisfação já não tem eco. Mas a tensão constante que mantém o homem diante do mundo e o delírio ordenado que o leva a admitir tudo lhe trazem outra febre. Nesse universo, a obra é então a oportunidade única de manter sua consciência e de fixar suas aventuras. Criar é viver duas vezes. A busca titubeante e ansiosa de um Proust, sua meticulosa coleção de flores, tapeçarias e angústias não significam outra coisa. Ao mesmo tempo, sua única força é a criação contínua e inapreciável à qual se entregam, todos os dias de sua vida, o comediante, o conquistador e todos os homens absurdos. Todos tentam imitar, repetir e recriar a sua própria realidade.¹²

Uma das características que podemos encontrar na filosofia de Albert Camus é o enfrentamento diante do absurdo, mas tal enfrentamento não tem em vista a superação, já que não existe fuga ou negação diante dele, mas consciência e revolta enquanto recusas da renúncia, e isso também será expresso através da arte.

Então Camus coloca a questão: é possível uma obra absurda?

Nunca se insistirá o suficiente na arbitrariedade da antiga oposição entre arte e filosofia. Se pretendemos entendê-la num sentido bem preciso, certamente ela é falsa. Se só quisermos dizer que cada uma dessas duas disciplinas tem seu clima particular, isto sem dúvida é verdade, porém vago. A única argumentação aceitável residia na contradição entre o filósofo encerrado no meio do seu sistema e o artista situado diante da sua obra. Mas isto era válido para uma certa forma de arte e de filosofia que aqui consideramos secundária. A ideia de uma arte separada do seu criador não apenas está fora de moda, como é falsa (...) o artista, tanto quanto o pensador, compromete-se com sua obra e se transforma dentro dela.¹³

Para a questão antes mencionada, Camus afirma que para ser possível uma obra absurda é necessário que o pensamento esteja unido a ela, porém, apenas enquanto inteligência ordenadora, e este paradoxo pode ser explicado de acordo com o absurdo, pois, a obra de arte surge na renúncia da inteligência a pensar o concreto, marcando assim, o triunfo carnal, pois, o que a desperta é o pensar lúcido. Todavia, nesse mesmo instante ele se nega.

A obra absurda exige um artista consciente dos seus limites e uma arte em que o concreto não signifique nada além de si mesmo. Ela não pode ser o fim, o sentido e o consolo de uma vida. Criar ou não criar não muda nada. O criador absurdo não se apegar a sua obra. (...) a verdadeira obra de arte está sempre na medida humana.¹⁴

¹¹ Camus, Albert. O Mito de Sísifo, Rio de Janeiro, 2019, p.111 – 112.

¹² Camus, Albert. O Mito de Sísifo, Rio de Janeiro, 2019, p.112.

¹³ Camus, Albert. O Mito de Sísifo, Rio de Janeiro, 2019, p.114.

¹⁴ Camus, Albert. O Mito de Sísifo, Rio de Janeiro, 2019, p.115.

Antes de qualquer outra consideração, o grande artista nesse sentido é o indivíduo visto como “o grande ser vivo” e o viver configurado tanto na esfera do sentir quanto no refletir: “A obra absurda ilustra a renúncia do pensamento aos seus prestígios e sua resignação a ser apenas uma inteligência que põe as aparências em movimento e cobre com imagens o que carece de razão. Se o mundo fosse claro, não existiria arte.”¹⁵

A arte não é, aos meus olhos, uma regozijo solitário. Ela é um meio de comover o maior número de homens, oferecendo-lhes uma imagem privilegiada dos sofrimentos e das alegrias comuns. Ela obriga, então, o artista a não se isolar; ela o submete à verdade mais humilde e mais universal. E aquele que, frequentemente, escolheu seu destino de artista porque se sentia diferente, aprende bem rápido que ele não alimentará a sua arte, e sua diferença, de outra forma que confessando sua semelhança com todos. O artista se forja dentro desse ir e vir perpétuo de si aos outros, a meio caminho da beleza que ele não pode dispensar e da comunidade da qual ele não pode se arrebatrar. É, por isso, que os verdadeiros artistas não desprezam nada; eles se obrigam a compreender em vez de julgar. E, se eles têm um partido a tomar nesse mundo, não pode ser outro que não aquele de uma sociedade onde, de acordo com a grande palavra de Nietzsche, não reinará mais o juiz, mas o criador, seja ele trabalhador ou intelectual.¹⁶

Ao refletir sobre a atitude criadora Camus nos diz: trabalhar e criar para nada é o significado da criação sem amanhã, é como esculpir em argila cômico de que não reside futuro na criação de hoje, e essa é a dura sabedoria do pensamento absurdo: “Desenvolver ambas as tarefas ao mesmo tempo, negar por um lado e exaltar por outro é o caminho que se abre diante do criador absurdo. Ele deve dar cores ao seu vazio”.¹⁷ Além disso, ...

Por que criar se não for para dar um sentido ao sofrimento, nem que seja para dizer que ele é inadmissível? A beleza surge neste momento dos escombros da injustiça e do mal. O fim supremo da arte é então confundir os juizes, suprimir toda acusação e tudo justificar, a vida e os homens, em uma luz que não é a da beleza porque é a da verdade. Nenhuma grande obra de gênio jamais foi verdadeiramente fundada sobre o ódio ou o desprezo. Em algum lugar de seu coração, em algum momento de sua história, o verdadeiro criador sempre acaba se reconciliando. Ele alcança o equilíbrio na estranha banalidade em que se define.¹⁸

¹⁵ Camus, Albert. O Mito de Sísifo, Rio de Janeiro, 2019, p.116.

¹⁶ L'art n'est pas à mes yeux une réjouissance solitaire. Il est un moyen d'émouvoir le plus grand nombre d'hommes en leur offrant une image privilégiée des souffrances et des joies communes. Il oblige donc l'artiste à ne pas se séparer; il le soumet à la vérité la plus humble et la plus universelle. Et celui qui, souvent, a choisi son destin d'artiste parce qu'il se sentait différent apprend bien vite qu'il ne nourrira son art, et sa différence, qu'en avouant sa ressemblance avec tous. L'artiste se forge dans cet aller retour perpétuel de lui aux autres, à mi-chemin de la beauté dont il ne peut se passer et de la communauté à laquelle il ne peut s'arracher. C'est pourquoi les vrais artistes ne méprisent rien; ils s'obligent à comprendre au lieu de juger. Et s'ils ont un parti à prendre en ce monde ce ne peut être que celui d'une société où, selon le grand mot de Nietzsche, ne régnera plus le juge, mais le créateur, qu'il soit travailleur ou intellectuel. (CAMUS, Discours de Suède – Prix Nobel 1957). Camus, Albert. Discours de Suède, Paris, 1957, p. 12-13.

¹⁷ Camus, Albert. O Mito de Sísifo, Rio de Janeiro, 2019, p.130.

¹⁸ Camus, Albert. A inteligência e o cadafalso e outros ensaios, Rio de Janeiro, 2020, p. 68.

Então, será preciso reformular a existência a partir da revolta considerando o próprio absurdo, tendo plena consciência do sem sentido e ainda assim viver, mantendo a fidelidade ao humano terreno que corresponde a nossa condição. Para Camus é importante enfrentar de modo consciente a falta de sentido, ou dito de outro modo, o sentido absurdo da própria condição humana. O indivíduo se reconhecendo em um mundo absurdo *precisa ter consciência da sua vida, da sua revolta, da sua liberdade*. “Estão aí as três consequências do absurdo: revolta, liberdade e paixão. Três afirmações de vida. *Eu transformo em regra de vida o que era convite à morte – e recuso o suicídio.*”¹⁹

Arte e Revolução

“A revolta, de tal ponto de vista, é fabricante de universos. Isto também define a arte. A bem dizer, a exigência da revolta é em parte uma exigência estética”. (Albert Camus)

Camus inicia o capítulo *Revolta e Arte* presente na obra *O Homem Revoltado* afirmando que a arte deveria fornecer uma última perspectiva acerca do conteúdo da revolta. “A arte é também esse movimento que exalta e nega ao mesmo tempo. “Nenhum artista tolera o real”, diz Nietzsche. É verdade; mas nenhum artista pode prescindir do real. A criação é exigência de unidade e recusa do mundo. Mas ela recusa o mundo por causa daquilo que falta a ele e em nome daquilo que, às vezes, ele é”.²⁰

Essa recusa pode ser entendida com base na explicação que Camus traz no início da obra acima citada na definição sobre a revolta, então a recusa ao mundo devido ao que lhe falta diz respeito a falta de unidade, a falta de sentido, e a recusa em nome do que o mundo é, se refere ao fato de que o mundo é silêncio e indiferença para o homem que clama por sentido. É importante lembrar que ao recusar, o homem não renuncia, visto que, ao dizer não no ato da recusa é alguém que diz sim, pois, afirma como alguém que se rebela, e nisso consiste o movimento da revolta.

Em toda revolta se descobrem a exigência metafísica da unidade, a impossibilidade de apoderar-se dela e a fabricação de um universo de substituição. A revolta, de tal ponto de vista, é fabricante de universos. Isto também define a arte. A bem dizer, a exigência da revolta é em parte uma exigência estética.²¹

Nesses espaços fechados como um universo criado, o homem enfim pode reinar e conhecer, e nesse sentido também ocorre o movimento das artes, o artista como criador refaz o mundo e da desordem natural pode encontrar uma unidade, da argila, ou da pedra repleta de relevos irregulares

¹⁹ Guimarães, Carlos Eduardo. *As dimensões do homem: mundo, absurdo e revolta*, Rio de Janeiro, 1971, p. 61.

²⁰ Camus, Albert. *O Homem Revoltado*, Rio de Janeiro, 2018, p. 329.

²¹ Camus, Albert. *O Homem Revoltado*, Rio de Janeiro, 2018, p. 332.

e disformes esculpir a mais bela escultura, da multiplicidade de tons harmônicos ou destoantes de diversas cores de tintas escolher pintar a beleza.

As sinfonias da natureza não conhecem pauta. O mundo nunca fica calado: o seu próprio silêncio repete eternamente as mesmas notas, segundo vibrações que nos escapam. Quanto às que percebemos, elas nos trazem sons, raramente um acorde, nunca uma melodia. No entanto, existe a música, na qual as sinfonias são acabadas, na qual a melodia dá sua forma a sons que em si mesmos não a têm, na qual uma disposição privilegiada das notas extrai, finalmente, da desordem natural uma unidade satisfatória para o espírito e para o coração.²²

Nesse ato de criação, o homem reúne os elementos em desordem e os reorganiza na composição da arte. Camus cita a escultura e a pintura como um ato que apresenta como princípio a noção de escolha, o artista no ato da criação precisa escolher eliminar ou eleger elementos em sua composição, os quais refletem sempre suas escolhas.

O lamento admirável de Van Gogh é o grito orgulhoso e desesperado de todos os artistas. “Tanto na vida quanto na pintura, posso efetivamente privar-me de Deus. Mas não consigo, eu, sofrimento que sou, me privar de algo que é maior do que eu, que é a minha vida, o poder de criar.”²³

Nesse sentido, Camus afirma que a revolta do artista contra o real possui a mesma afirmação espontânea do oprimido, pois, o espírito revolucionário que emerge da negação total, sente instintivamente que também na arte havia além da recusa, um consentimento. Sobre esse ponto, Étienne Barilier em sua conferência *Albert Camus, La révolte et la beauté* (1989), escreve:

E essa recusa ativa é exatamente o que o autor chama de revolta. A revolta, para Camus, nada mais é do que o movimento pelo qual o homem se levanta contra sua condição e busca melhorá-la, transformá-la, revolucioná-la, às vezes negá-la. Por que, no entanto, Camus se dá ao trabalho, de escrever mais de trezentas páginas, para listar todas as formas de revolta que a história humana conheceu, desde Prometeu até os dias atuais, incluindo Spartacus, a Revolução Francesa e Nietzsche? Primeiro, porque ele vê na capacidade de revolta a própria definição do homem, a mais pura manifestação de sua dignidade. Por meio de sua revolta, o homem reivindica o poder de transformar o universo em que nasceu.^{24 25}

E desse modo, o indivíduo deixa de viver na passividade e se permite transformar a sua vida por meio da ação da revoltada. A revolta traz em si esse duplo caráter de negação (recusa) e criação

²² Camus, Albert. *O Homem Revoltado*, Rio de Janeiro, 2018, p. 332.

²³ Camus, Albert. *O Homem Revoltado*, Rio de Janeiro, 2018, p. 334.

²⁴ Barilier, Étienne. *Albert Camus. La révolte et la beauté*, 1989, p. 03.

²⁵ Et ce refus actif, c'est précisément ce que l'auteur nomme la révolte. La révolte, pour Camus, n'est rien d'autre que le mouvement par lequel l'homme se dresse contre sa condition et cherche à l'améliorer, à la transformer, à la révolutionner, parfois à la nier. Pourquoi, cependant, Camus prend-il la peine, sur plus de trois cents pages, de recenser toutes les formes de révolte qu'a connues l'histoire humaine, de Prométhée à nos jours en passant par Spartacus, la Révolution française et Nietzsche? D'abord parce qu'il voit dans la capacité de révolte la définition même de l'homme, la manifestation la plus pure de sa dignité. Par sa révolte, l'homme revendique le pouvoir de transformer l'univers dans lequel il est né.

(consentimento e afirmação ao reivindicar para si o poder de criar), assim, a revolta possibilita ao humano a transformação da sua realidade.

Camus prossegue afirmando que nenhuma arte pode viver da recusa total, é preciso sempre considerar alguns dos seus aspectos,

Nenhuma arte pode recusar de modo absoluto o real. A Medusa sem dúvida é uma criatura puramente imaginária; seu rosto e as serpentes que a coroam fazem parte da natureza. O formalismo pode chegar a esvaziar-se cada vez mais de conteúdo real, mas há sempre um limite. Até mesmo a geometria pura, a que chega às vezes a pintura abstrata, exige ainda do mundo exterior sua cor e suas relações de perspectiva. ²⁶

E essa correção que o artista realiza por meio da sua linguagem nos diferentes ramos da arte, recolocando e reorganizando elementos que retirou do real alcança assim um estilo e oferece ao universo recriado sua unidade e seu limite. ²⁷

Para criar a beleza, ele deve ao mesmo tempo recusar o real e exaltar alguns de seus aspectos. A arte contesta o real, mas não se esquiva dele. Nietzsche podia recusar qualquer transcendência, moral ou divina, dizendo que esta transcendência constituía uma calúnia ao mundo e à vida. Mas talvez haja uma transcendência viva, prometida pela beleza, que pode fazer com que esse mundo moral e limitado seja amado e preferido a qualquer outro. A arte nos conduzirá dessa maneira às origens da revolta, na medida em que tenta dar forma a um valor que se refugia no devir perpétuo, mas que o artista presente e quer arrebatá-lo à história. ²⁸

Esse ato de “dar forma” é como *esculpir em argila*, onde através das escolhas a matéria disforme pelas mãos do artista ganham significados, e sobre esse aspecto, Camus acredita que talvez exista uma transcendência viva proporcionada através da beleza, podendo fazer com que o mundo mesmo moral e limitado, seja amado. “A arte é o único produto ordenado que nossa raça desordenada foi capaz de engendrar. É o grito de mil sentinelas, o eco de mil labirintos, é o farol que não se pode encobrir, é o melhor testemunho que podemos dar acerca da nossa dignidade”. ²⁹

Mas, se a revolta é vista como uma ação e a estética, contemplação, qual seria o elo comum entre elas para Camus? Para compreender esse ponto, Étienne Barilier (1989) escreve que primeiro é preciso considerar alguns aspectos sobre a beleza.

Como se rebelar contra nossa condição sem negar, como lutar contra a morte sem querer ser imortal? Como recusar a desgraça do mundo sem entretanto negar o mundo e a nós mesmos? Equilíbrio difícil. A solução pode ser em uma palavra, e essa palavra é paradoxalmente, o da beleza. Para entender o significado desse paradoxo, devemos obviamente começar por definir o que nós significa "beleza". Esta é certamente uma palavra difícil. (...) A palavra

²⁶ Camus, Albert. O Homem Revoltado, Rio de Janeiro, 2018, p. 348.

²⁷ (cf. Camus, Albert. O Homem Revoltado, Rio de Janeiro, 2018, p. 349.)

²⁸ Camus, Albert. O Homem Revoltado, Rio de Janeiro, 2018, p. 335.

²⁹ Camus, Albert. Cadernos VI, Lisboa, 1973, p. 307.

beleza permanece rebelde a qualquer definição: mais do que um conceito, não é um encantamento, uma palavra que te faz sonhar, uma palavra que cala? O que ela tem a nos dizer quando refletimos sobre a revolta?^{30 31}

A beleza então se faz presente enquanto qualidade no mundo natural e chega ao humano através dos sentidos. Também a beleza parece estar ligada a contemplação, pois, a beleza não pede para ser objeto de uma ação, ou transformação, mas ela pede para ser percebida. Nesse sentido, se trata de uma qualidade no mundo, a qual é possível apreciar no momento de abertura do ser extasiado silenciosamente diante dela.

Ao falar sobre beleza, Camus utiliza termos como “contemplação”, “meditação”, entretanto, a obra *O Homem Revoltado* revela que a beleza não é puramente natural ou passiva, e essa é uma das características da obra de arte.

Mais uma vez,

Uma obra de arte é uma forma cuja contemplação faz nossa felicidade, não porque isso nos afastaria de nossa vida, nos transportando para um mundo ideal, mas pelo contrário, porque nos entrega este mundo, elevado acima de si mesmo pela beleza, sem deixar de ser ele mesmo. De maneira perfeitamente comparável, uma bela paisagem, um ser, nos preenche como se fossem mais que o mundo, como se transcendessem nossa condição; e ainda assim eles são o nosso mundo, eles são nós mesmos.^{32 33}

Novamente, ela não representa uma fuga deste mundo, mas reflete a beleza dele. Deste modo, a arte não é motivo de resignação, mas se apresenta como um pêndulo no sentido de contemplação, movimento e criação, ao artista o humano criador de universos ela proporciona um horizonte de felicidade.

Conclusão

Com base na pesquisa desenvolvida até o momento, é possível evidenciar a criação da obra de arte como expressão da revolta em resposta ao absurdo na existência humana, essas obras de

³⁰ Comment se révolter contre notre condition sans la nier, comment combattre la mort sans se vouloir immortel? Comment refuser le malheur du monde sans cependant renier le monde et nous-mêmes? Difficile équilibre. La solution peut tenir en un mot, et ce mot, c'est paradoxalement celui de beauté. Pour saisir le sens de ce paradoxe, il faut évidemment commencer par définir ce qu'on entend par « beauté ». Voilà certes un mot difficile. (...)le mot de beauté demeure rebelle à toute définition: plus qu'un concept, n'est-ce pas une incantation, un mot qui donne à rêver, un mot qui fait silence? Qu'a-t-il donc à nous dire lorsque nous réfléchissons sur la révolte?

³¹ Barilier, Étienne. Albert Camus. La révolte et la beauté, 1989, p. 09-10.

³² Une oeuvre d'art est une forme dont la contemplation cause notre bonheur, non parce qu'elle nous arracherait à notre vie pour nous transporter dans un monde idéal, mais au contraire parce qu'elle nous livre ce monde, soulevé au-dessus de lui-même par la beauté, sans cesser pourtant d'être lui-même. D'une façon parfaitement comparable, un paysage, un être beaux nous comblent comme s'ils étaient plus que le monde, comme s'ils transcendaient notre condition; et pourtant ils sont notre monde, ils sont nous-mêmes.

³³ Barilier, Étienne. Albert Camus. La révolte et la beauté, 1989, p. 11.

modo particular refletem o humano limitado, mortal e rebelde, visto que criar é também dar uma forma ao destino.

Todos os grandes reformadores tentam construir na história o que Shakespeare, Cervantes, Molière e Tolstói souberam criar: um mundo sempre pronto a satisfazer a fome de liberdade e de dignidade que existe no coração de cada homem. Sem dúvida, a beleza não faz revoluções. Mas chega um dia em que as revoluções tem necessidade dela. Sua regra, que contesta o real ao mesmo tempo em que lhe confere sua unidade, é também a da revolta.³⁴

Deste modo, no plano estético, a arte e a revolta possuem a mesma ambição, criar universos propondo grandes imagens em movimentos insólitos. Entretanto, Camus nos adverte que ainda será preciso conquistar progressos em rumo a essa liberdade, assim, o último esforço para o criador consiste em saber admitir que a obra pode consumir uma inutilidade profunda, porém, esse fato traz ainda mais facilidade na realização dessa obra, do mesmo modo que perceber o absurdo da vida lhe permite mergulhar nela com todos os excessos. Ao destino humano, diante da fatalidade da morte, a liberdade é a conquista onde o único dono é o homem, sem a ilusão de outro mundo seu pensamento não renuncia mais a si mesmo, mas renova-se em imagens.³⁵

³⁴ Camus, Albert. O Homem Revoltado, Rio de Janeiro, 2018, p. 358.

³⁵ Camus, Albert. O Mito de Sísifo, Rio de Janeiro, 2019, p. 133-134.

Referências

- CAMUS, Albert. *Art in Communion*. In: *Youthful Writings*. Translated from the French by Ellen Conroy Kennedy. New York: Vintage Books, 1977.
- _____. *A inteligência e o cadafalso e outros ensaios*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.
- _____. *Cadernos V* (setembro de 1945 – abril de 1948). Edição: Livros do Brasil – Lisboa, 1973.
- _____. *Discours de Suède – Prix Nobel 1957*. Edição da Coleção Folio. Paris: Gallimard, 1958 (e 1997 pelo posfácio).
- _____. *Jonas ou o artista trabalhando*. In: *O exílio e o reino*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- _____. *Nietzsche and Music*. In: *Youthful Writings*. Translated from the French by Ellen Conroy Kennedy. New York: Vintage Books, 1977.
- _____. *O artista na prisão*. In: *A inteligência e o cadafalso*. - 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.
- _____. *O Estrangeiro*. Trad. Valerie Rumjanek. – 46ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.
- _____. *O Homem Revoltado*. Trad. Valerie Rumjanek. – 12ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- _____. *O Mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: Record, 2019.
- _____. *Schopenhauer and Music*. In: *Youthful Writings*. Translated from the French by Ellen Conroy Kennedy. New York: Vintage Books, 1977.
- _____. *The artist and his time*. In: *Resistance, Rebellion and Death*. Translated from the French and with an Introduction by Justin O'brien. New York: Alfred A. Knopf, 1961.
- AMIOT, Anne-Marie; MATTÉI, Jean-François. *Albert Camus et la philosophie*. Paris: Presses universitaires de France, 1997.
- BARILIER, Étienne. *Albert Camus. La révolte et la beauté*. Disponível em: http://www.etienne-barilier.name/Conferences/1989/Albert_Camus.pdf
- BENNETT, Hunter, G. *Absurd creation: An existentialist view of art?* *Philosophical Frontiers*, v. 4, n. 1, p. 49–58, 2009.
- BUDD, M. *Values of art: Pictures, poetry, and music*. Harmondsworth: Penguin, 1995.
- FITCH, Brian T. *Albert Camus (La pensée de Camus)*. Paris: Lettres Modernes Minard, 1979
- GRAHAM, G. *Philosophy of the arts: An introduction to aesthetics*. London: Routledge, 2005.
- GUIMARÃES, Carlos Eduardo. *As dimensões do homem: mundo, absurdo e revolta*. (Ensaio sobre a filosofia de Albert Camus). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.
- MÁDOZ, Inmaculada Cuquerella. *La superación del nihilismo en la obra de Albert Camus: la vida como obra trágica*. València: Universitat de València, 2007. (Tese de Doutorado).
- PIMENTA, Alessandro. *A ética da revolta em Albert Camus*. Goiânia: UFG, 2004. (Dissertação de Mestrado).
- PÖLZLER, T. *Camus' feeling of the absurd*. *Journal of Value Inquiry*, v. 52, n. 4, p. 477–490, 2018.
- _____. *Camus on the Value of Art*. *Philosophia*. v. 48, p. 365–376, 2019.
- QUENUM, Anicette. *Camus, l'art de la révolte d'Abd Al Malik: une esthétique à la croisée des cultures*. In: *International Journal of Humanities and Cultural Studies*, ISSN 2356-5926. v. 4, n. 3, December 2017.
- SILVA, Nilson. *A revolta na obra de Albert Camus: posicionamento no campo literário, gênero, estética e ética*. 2008. 210 f. (Doutorado em Letras Neolatinas). Rio de Janeiro: Faculdade de letras, UFRJ, 2008.